

Saúde mental como condição básica da estruturação ética do ser humano

Marcos Liboni
Leonardo Prota

Resumo As relações entre o homem e o mundo provocam transformações psíquicas constantes que se somam aos vários determinantes psíquicos e morais inatos, trazendo ao já complicado universo das relações humanas elementos para a reflexão perene. Desenvolvendo-se a partir do vácuo moral, com um virtual potencial psicoético, os seres humanos passam por múltiplas transformações e influências, sobretudo inconscientes, alçando-se a condição de sujeitos éticos, capazes de viver em sociedade. Descobrir o próprio interior e quem se é interiormente certamente ajudará a descobrir também o *a priori* cultural no qual se está inserido bem como delinear as características desse universo social. A interação entre o mundo psíquico interno e o mundo externo, nas dimensões individual e social, pode trazer ao ser humano as condições para a sua estruturação e formação contínuas como ser bioético.

Palavras-chave: Bioética. Psiquiatria. Saúde mental. Desenvolvimento moral. Cultura. Culturalismo.



Marcos Liboni

Psiquiatra pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMUSP), pós-graduado em Bioética pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), doutor em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Fisiopatologia Experimental da FMUSP, professor adjunto de Psiquiatria na UEL, Paraná, Brasil

As pessoas pensam de modo diferente porque são indivíduos na sua essência. Somos agentes e determinantes morais, mas muitas vezes estranhos morais uns aos outros (Engelhardt, 1998) e principalmente estranhos a nós mesmos na relação com o nosso inconsciente. Felizmente não estamos condenados a uma ação moral cristalizada, mas muitas pessoas falam em razão moral e em ética sem considerar a sua evolução psíquica e afetiva, o que é um terrível engano, como atuar de modo ético fosse possível, independente do nosso desenvolvimento psíquico.

Marcos Liboni

O mundo em mudança

O mundo está passando por transformações profundas que interferem diretamente na percepção do tempo e do espaço e no contexto das relações humanas. Os reflexos e reações a esse processo são de tal alcance que não podem ser mensurados apenas à luz da limitada capacidade de observação de cada um. Mediada pelo aparato tecno-industrial de infor-



Leonardo Prota

Doutor em Filosofia, professor do Núcleo de Bioética, da disciplina de Psiquiatria e do Departamento de Clínica Médica do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, Brasil

mação, a aproximação entre as pessoas se dá de maneira até então inusitada, que coloca os seres humanos imersos numa rede de possibilidades jamais disponível. Essa rede, que se materializa na interconexão mundial de computadores pessoais pela Internet, promove a sensação de que se está cada vez mais próximo dos outros e que é possível direcionar o olhar, sempre extremamente curioso, para onde e para o que se queira. Nesse espaço virtual tudo acontece muito rapidamente, aumentando a troca de informações e alterando as características das próprias relações.

Esse processo colabora para que se viva hoje no Brasil um momento no qual as discussões filosóficas tornam-se cada vez mais imprescindíveis para o desenvolvimento da sociedade: elas são prementes, urgentes e necessárias. Passamos por uma grande crise de identidade, não sabendo quem somos ou qual modelo seguir. Esse momento existencial pode ser comparado ao período pós-helênico, quando a queda da unidade e do domínio do império grego propiciou o surgimento de uma multiplicidade de vertentes filosóficas e espirituais, as quais preencheram (de modo estratificado e, de certo modo, solto) as necessidades de estabelecer significado e dotar de sentido a realidade. De forma similar, vive-se hoje uma era de mitos, definidos como projeções, ideais de ego¹ dos quais se retira o que se quer, como aquilo que é possível, e que, quase 100% das vezes, não corresponde às nossas expectativas e capacidades.

As mudanças nos padrões e valores éticos têm exposto o ser humano a uma visão voltada à exigência de sucesso. Todos têm que ser os primeiros, não importa que exista apenas um primeiro lugar em qualquer pódio. Zimmerman² alude a isto como a crescente necessidade do *exitismo*. Hoje, todos estão fadados e programados para serem pessoas de sucesso, não importando o fardo e as exigências aos quais é necessário se submeter para alcançar esse *ideal de pessoa*, muitas vezes, até, em detrimento daquilo que se é realmente.

Essa circunstância revela-se mais grave quando se considera o processo histórico que modelou a sociedade e a cultura brasileiras, o qual gerou um contexto extremamente eclético e assimétrico, pautado macro e micro socialmente em várias prerrogativas morais, assim como nos valores a elas inerentes, que, sistematicamente, privilegiam alguns grupos e segmentos da população em detrimento a outros. Muitos desses valores e moralidades favorecem a manutenção de desigualdades sociais, da pobreza, da violência e do sofrimento para considerável parcela da população. Nos 500 anos de colonização de base cristã e europeia, a sociedade brasileira restringiu as discussões éticas à reprodução desses valores exógenos, recusando a reflexão ampla e aprofundada que englobasse os distintos núcleos de moralidade nativos, especialmente porque se têm praticamente esquecido e negado a cultura e a moral milenar dos povos que aqui habitavam antes da irracional colonização e ocidentalização.

Diante dessa situação complexa, marcada por fatores de diferentes ordens, é quase inevitável que se instaure uma grave crise de valores, que contamina os diversos domínios institucionais e privados do país. Pode-se constatar essa crise na perene passividade de reação do brasileiro ao estupro moral secular e contemporâneo. Quando se adiciona à ignorância das massas o pseudo intelectualismo da elite e a inércia prática da intelectualidade, deixa-se a casa aberta aos “predadores naturais” do ambiente.

Mas onde entra a Bioética nesta discussão? A bioética, ética da vida e de tudo o que ela

engloba, traz em si o temperamento filosófico (enquanto base de reflexão) bem como incorpora o caráter prático. Tem, como pressuposto, um papel muito maior do que a discussão dos temas relacionados à medicina e saúde. A bioética aplicada à psiquiatria e estudo do desenvolvimento moral não pode prescindir da análise do aspecto mental porque todos somos pessoas que, no sentido tomista, pensamos e fazemos reflexões. Ao contrário do que preconiza o posicionamento cartesiano e dicotomizador do ser humano, não se pode admitir uma reflexão em bioética sem abordar os aspectos do determinante moral da ação, que somos nós e nossos aspectos mentais e afetivos, os quais têm influência direta sobre as decisões morais. Devido a essas características bem como à sua aceitação e crescimento significativo, em várias áreas do conhecimento e contextos sociais, pensar e estimular a reflexão bioética seria (e é) muito interessante para entender própria ética contemporânea na sociedade brasileira.

A essência humana e o despertar da moralidade

Segundo Segre e Cohen ³ a pessoa não nasce ética; sua estruturação ética vai ocorrendo juntamente com seu desenvolvimento: *a humanização traz a ética no seu bojo. Ser ético é ter a capacidade de perceber os conflitos entre o que o coração diz e o que a cabeça pensa, podendo percorrer o caminho entre a emoção e a razão e posicionar-se na parte deste percurso que se considere mais adequada. A ética se fundamenta em três pré-requisitos: 1) Percepção dos conflitos (consciência); 2) Autonomia (condição*

de posicionar-se entre a emoção e a razão); e 3) Coerência ³.

Os seres humanos nascem primitivos, imersos num vácuo moral interno, com potencial ético a ser vivenciado. Na medida em que se desenvolvem vão incorporando valores e formando seu juízo de conduta e reflexão, podendo, assim, tornarem-se éticos. Baseando-se nas teorias das *pulsões* (energias psíquicas) de Freud, Ferraz destaca que o egoísmo é traço característico da criança assim como a maldade e narcisismo, conotados como energia psíquica primitiva ⁴. Tais atributos compõem a essência humana e são controlados pelo despertar da moralidade, de acordo com o grau de desenvolvimento. Deste modo se pode deduzir que o homem não nasce feito, ele se faz ao longo de sua trajetória. Ele se constrói como ser ético nas decisões que o levam para o bem, para a capacidade de amar e para o aperfeiçoamento moral. O contrário o leva à frustração e faz crescer seu egoísmo.

Mas o que estimula as decisões morais? Não podemos esquecer que aquele que tem as capacidades psíquicas desenvolvidas pode pensar e tirar conclusões das mais esdrúxulas associações de ideias, mas somente os valores e a moral podem levar o homem a ter um pensamento ético. O crescimento e o desenvolvimento ético do homem se assemelha a subir uma montanha. Quanto mais alto se sobe mais se vai enxergar o mundo e as coisas. De onde vem a moralidade? O que se pode entender por comportamento moral desenvolvido? O que se pode entender por sujeito moral? Será que somente a experiência ou a

intelectualização podem levar a pessoa a ser alguém de valor?

Segundo Freitag, a moralidade compreende três aspectos: o sociológico (a ação de um sujeito que relaciona seu agir com a ação dos outros); o filosófico (lidar com critérios de julgamento com base numa consciência moral capaz de julgar o certo e o errado, o justo e o injusto); e o psicológico (a procura pela causa da ação, as explicações que levaram o sujeito a agir assim e não de outra forma, a intencionalidade de seus atos, localizando a origem da ação na psique, na razão) ⁵.

Além desses aspectos apontados por Freitag, consideramos, também, que o psiquismo humano, como base estrutural para o desenvolvimento moral e ético, se constrói a partir de alguns elementos fundamentais: o ser humano nasce com capacidades, potencialidades e possibilidades, que vão sendo bem ou mal utilizadas de acordo com a forma como se dá seu desenvolvimento. Para melhor compreensão faz-se a analogia com a construção de um edifício, por exemplo. Todos sabem que existem vários elementos que são importantes ou mesmo indispensáveis para a construção de qualquer estrutura (que pode ser uma singela casa popular ou um majestoso arranha-céu), mas três deles são fundamentais, a saber:

Biológico

Compreende tudo o que existe do *bio* (vida) e carrega consigo a natureza ambiental e a correlação com os demais seres vivos. Com o avanço das ciências e principalmente com a genética vê-se que é cada vez mais enfatizada a impor-

tância do aspecto biológico como o material utilizado na construção do ser humano. Em uma edificação seria o tipo e a qualidade do material utilizado no projeto, que podem ser relacionadas às diferenças na multiplicidade de materiais e padrões genéticos disponíveis.

Psicológico

É o padrão de estrutura psíquica que todos têm a qual é construída, basicamente, nas fases infantis do desenvolvimento. Trata-se da técnica, do labor da construção, na sua base e nas fundações do prédio; de como o material (a genética) vai ser inicialmente elaborado, tratado e utilizado nas fases precoces do crescimento e desenvolvimento de todo ser humano. A sua fundamental função advém da necessidade de que esteja pautado numa carinhosa, cuidadosa e planejada ação, pois é sobre essa base que se vai construir o prédio, no qual se poderá desenhar as mais variadas formas e fachadas.

Social/Ambiental

É o fenótipo do prédio, a parte externa, que vai se expor mais e assim sofrer maiores influências do ambiente. No âmbito da psiquiatria clínica e biológica, compreende as doenças clínicas (p.ex. depressão) que em boa parte são reflexos de como as pessoas expõem as suas estruturas ao ambiente.

Do mesmo modo que se pode observar na construção de um prédio, quando se reflete sobre questões de saúde e doença na vida das pessoas, na qual um componente genético muito dificilmente pode ser mudado, os componentes psíquico e ambiental são aque-

les mais susceptíveis de serem trabalhados e alterados. Transpondo essa analogia para a reflexão moral, com base na estrutura psíquica, se pode comparar esses componentes aos alicerces da construção que se tem em mãos, à qual foi embasada nas fases iniciais do desenvolvimento da pessoa. Mas se então, por exemplo, o prédio está construído não se pode mais trabalhar sua estrutura? É claro que sim, mas é preciso ter sempre em conta que é diferente trocar o piso do *hall* de entrada e mudar ou melhorar uma pilastra de sustentação, um trabalho consideravelmente mais difícil.

Neste sentido a investigação do campo da moralidade e ética do ser humano deve ser feita com base no fato de que ser ético é ser psiquicamente desenvolvido. Uma ação moral e ética é uma ação psíquica, posto que pressupõe a existência de um agente, o *homem*, o único animal com faculdade moral⁶, indissociado da sua unidade psíquica e física, e o *cognoscível*⁷. Mas quais seriam as vertentes psíquicas que influenciariam o funcionamento ético do homem? Bataglia⁸ destaca a existência quatro grandes correntes teóricas que abordam o desenvolvimento da moralidade: Aprendizagem Social; Intercâmbio Social; Desenvolvimento Moral Cognitivo e Teoria dos Estágios; e Teoria Psicanalítica.

A corrente teórica que defende a ideia da aprendizagem social deriva do *Behaviorismo* de Skinner⁹ e propõe que todo o comportamento, inclusive o moral, é aprendido. Este se daria por imitação e por mecanismos de reforço/punição.

Há também aqueles que advogam que a moralidade se desenvolve a partir do modelo de intercâmbio social, baseados nas relações de intercâmbio econômico. Esta teoria pressupõe que as pessoas permutam comportamentos umas com as outras para obter ganhos sociais e físicos, quase como quando negociam bens e serviços nos intercâmbios econômicos. Os vários intercâmbios do indivíduo ajudam-no a formar uma ideia de lucro médio (recompensa menos perda) a ser esperado em qualquer situação, estabelecendo o *nível de comparação*. Outro conceito que se coloca são as normas de comportamento, que se cristalizariam devido à necessidade econômica da sociedade, as quais são baseadas, principalmente, na reciprocidade e equidade, que implica que todos tenham um grau de adesão e benefício segundo seus *inputs*.

O Desenvolvimento Moral Cognitivo, elaborado por Piaget ¹⁰ a partir da Teoria da Epistemologia Genética e da Teoria do Desenvolvimento Moral, fundamentadas, por sua vez, em Kant, procurou compreender a gênese do juízo moral, constatando que a inteligência é condição necessária (mas não suficiente) para o desenvolvimento da personalidade. A partir de suas investigações e estudos com crianças Piaget elaborou a teoria dos estágios de desenvolvimento moral. Segundo a teoria piagetiana, a percepção dos conflitos varia desde o *absolutismo moral* (cerca de seis anos de idade), quando as regras do mundo são impostas, absolutas e perfeitas, para o *relativismo moral* (cerca de 11 anos), quando as regras morais sociais são relativas e dependentes do contexto; a moral está mais dire-

cionada aos juízos internos e o bem para o grupo. As ações do indivíduo em favor da coletividade levam à cooperação (ações dos indivíduos, uns sobre os outros como relações sociais).

A esses estudos de epistemologia genética, voltada ao exame do desenvolvimento moral, Kohlberg ¹¹ acrescentou incomensurável contribuição, com sua pesquisa intercultural com adultos e adolescentes. Traçando um paralelo entre lógica e moral, conseguiu aferir seis estágios de desenvolvimento da moralidade, considerando a justiça o marco analítico central ⁵. Buzneck aponta que o conceito de justiça de Kohlberg está balizado na filosofia de Platão ¹². Segundo ele, a justiça não é uma virtude como a honestidade ou o autocontrole. Virtudes como estas podem ser aprendidas e ensinadas. A justiça, porém, não é nem passível de ser ensinada nem se aprende, no mesmo sentido que aquelas outras, porque a justiça é um princípio interrelacional que se resume na equidade.

Em suas pesquisas Kohlberg encontrou categorias básicas iniciais, utilizadas para justificar as ações morais que são universais: a prudência; o bem estar dos outros; o respeito por autoridades, sociedades e pessoas; e a justiça. A partir da análise de dilemas morais equivalentes às historietas de Piaget, Kohlberg aprofundou suas observações chegando a descrever estágios de desenvolvimento moral, sob três óticas: i) o conteúdo do que é considerado correto/certo; ii) as razões apresentadas para agir corretamente e; iii) a perspectiva sociomoral (egocentris-

mo-descentração). Estas óticas se organizariam de modo hierárquico em três níveis de desenvolvimento moral, cada qual com dois estágios internos.

O *nível pré-convencional* circunscreveria no primeiro estágio a moralidade heterônoma e, no segundo, o individualismo, que pressupõe intenção instrumental e troca. O *nível convencional* refere-se no terceiro estágio, às expectativas interpessoais mútuas, relações e conformidade interpessoal; e, no quarto estágio, estariam a percepção do sistema social e a consciência. O *nível pós-convencional* diz respeito no quinto estágio, ao contrato social ou à utilidade e aos direitos individuais e o sexto estaria relacionado à ação segundo princípios éticos universais.

De modo resumido destaca-se aqui o nível seis. O ser humano que age segundo os princípios éticos universais transcende as ações restritas aos papéis sociais e inclui a orientação segundo os princípios universais. A ação se dá conforme a própria consciência, com base na confiança e no respeito aos outros.

É interessante assinalar, também, que a teoria de Kohlberg trouxe à luz o fato de que a moralidade, do ponto de vista cognitivo, obedece a padrões de desenvolvimento em estágios de acordo com um grande número de variáveis, que dependem, fundamentalmente, de uma série de aspectos para que se sucedam. Não se pressupõe que esta teoria seja a única capaz de responder os questionamentos a respeito da formação do juízo moral, mas por demonstrar a existência de

níveis de percepção moral indica, certamente, que os indivíduos são diferentes enquanto agentes morais. A teoria de Kohlberg está calcada no padrão cognitivo e no fato de que o aprendizado pode ser um elemento importante na evolução moral das pessoas.

A quarta corrente, a Teoria Psicanalítica, defende a ideia de que o ser humano é dotado de sensações que o fazem entrar em contato com o mundo e com a sociedade. Perceber as atitudes, pensamentos e emoções faz parte de *ser* humano e o que cada indivíduo sente é único porque é seu e nada e ninguém pode ter sensação semelhante. A respeito Segre e colaboradores acrescentam: *As manifestações do eu que constituem as nossas condutas ocorrem na superfície de um aparato heterogêneo, profundamente obscuro, e tudo a que temos acesso imediato são as relações de interface entre a consciência superficial e o mundo, a ponta de um iceberg que mergulha nas profundidades do nosso ser e, talvez, mesmo para além da nossa individualidade. A descoberta do inconsciente desmistificou esta identificação entre interioridade e clareza, mostrando que o retorno ao íntimo de si não é o encontro da primeira entre todas as verdades, mas do abismo sem fundo das motivações ignoradas* ¹³.

Segundo as observações de Freud, relatadas em *A interpretação dos sonhos* ¹⁴, o psiquismo está organizado em duas partes: i) a estrutura da mente, composta pelo *Id*, instância primitiva, *Ego*, parte evoluída e mais desenvolvida, e *Superego*, parte contrária às pulsões do *id*, mandatária e jurisprudente; e

ii) a topografia da mente, que seriam os níveis do funcionamento psíquico (consciente, subconsciente e inconsciente).

A moralidade, segundo a vertente psicanalítica na teoria estrutural da mente humana, se dá com a internalização (uma forma de aprendizado afetivo) das regras e com a distinção entre o bem e o mal que é decorrente da estruturação do superego, o qual se forma na medida que a criança, que nasce puro impulso, entra em contato com a realidade e acaba por encarar seus limites. Os seres humanos nascem providos de impulsos primitivos, irracionais e insaciáveis, que demandam muita energia e exigem gratificação imediata. A este mundo e impulsos denominou-se *Id*. Da relação deste *id* irracional com o mundo externo, com os seus limites e defeitos, há o aparecimento do *superego* como estrutura de negação, contenção e julgamento destas energias.

Tanto o *id* como o *superego* têm os seus aspectos irracionais e intolerantes, vivem eternamente se digladiando. O *ego*, reconhecido como o eu, é a parte evoluída, madura e mais consciente da mente que, sob as pressões do *id* e o controle do superego, elabora os juízos e toma as decisões que se tem incessantemente. Ele intermedeia os impulsos primitivos do inconsciente e os padrões socialmente aceitos e internalizados, provocando o sentimento de culpa, que oscila entre o desejo e o dever. Assim, pela Teoria Psicanalítica, problemas que surjam na vida adulta, relativos ao desenvolvimento moral, estariam relacionados com esse início de formação da personalidade

(superego). Mas como trabalhar o ponto de vista afetivo na construção das atitudes morais?

Cultura, conhecimento e ética: uma relação para a qualidade de vida

Para elucidar esse ponto voltamos a Zimmerman, que destaca que o pensamento é um atributo exclusivo do ser humano, o qual apresenta em seu desenvolvimento evolutivo uma escala crescente de complexidade e sofisticação, de acordo com uma ordenação cronológica e segundo as leis da maturação neurobiológica específicas da espécie². Assim, desde a forma primitiva, em que não há obediência aos princípios da lógica, mas sim aos da magia e concretude, o pensamento pode desenvolver-se até o nível abstrato-simbólico, que possibilita a sua utilização para fins dedutivos e científicos. Mas quais são as bases para este desenvolvimento? Serão somente os elementos internos, independentes do ambiente e da experiência, que impelem os seres humanos a adquirir e aprimorar seu juízo moral?

Para Reale¹⁵ o conhecimento emerge da *dialekticidade*, da correlação sujeito-objeto, por meio da reflexão ontognoseológica (caráter ontológico, metafísico) do ser em si enquanto pensado. Tem como ponto de partida o pensamento, que é por natureza intencional e, por conseguinte, referido a algo. Este pressuposto implica o reconhecimento de que “sujeito” e “objeto”, embora heterogêneos e distintos, só tem sentido numa correlação dialética. Em decorrência, o pensamento é em essência dia-

lético, por intrínseca estrutura; um *processus*. Para Freud¹⁴, a gênese da consciência moral do indivíduo se dá em estreita conexão com a origem da cultura, seguindo o preceito de Darwin de que a ontogenia recapitula a filogenia. Tem-se, então, tanto do ponto de vista ontogenético quanto psicodinâmico, a existência de um conjunto de relações sujeito-objeto que vem, ao longo da linha do tempo, estabelecendo entre si interações e produtos.

Mas como tudo pode parecer tão nítido? De onde aprendemos e retiramos as nossas percepções? A resposta mais precisa a estas questões é trazida por Husserl, que citado por Reale, aponta a dimensão do ser compreendida como o *conhecer*: a consciência é sempre consciência de algo e todo desejar é desejar algo. Existe então um *a priori*, ou sejam, pré-condições que possibilitam o conhecimento, de forma complementar, no sujeito e no objeto. A respeito se expressa esse autor: *Há, em suma, condições materiais que condicionam, tanto objetiva como subjetivamente, o nosso ato de conhecer. O conhecimento tem, portanto, sentido hermenêutico, de interpretação e desenvolvimento do que está insito no real, porque conhecer é conhecer algo, sendo sua essência essa intenção. Por outras palavras, se não houvesse um a priori material no mundo das sensações, como pré-noção a ser esclarecida e determinada, o ato do conhecimento seria impossível*¹⁵.

Neste entendimento admite-se um *a priori* cultural, ou seja, todo o conhecimento não se conclui senão com a objetivização das notas características aprendidas graças à condição apriorística subjetiva, definição que pode ser remetida

ao nível pós-convencional de Kohlberg, o qual pode ser caracterizado como sensível e intelectual. Também há o pressuposto relativo ao plano material, pelo qual a consciência intencional apreende hermenêuticamente os dados materiais cognoscíveis e reconhecíveis, verificando-se que o ato de conhecer é um ato de integração e concreção.

Segundo tal pressuposto haveria, então, todo um complexo histórico cultural de significados e valores nos elementos apresentados ao homem, mas este só consegue entendê-los e ter acesso ao *conhecimento* na medida que tem em si as *capacidades* para tanto, as quais abrem o caminho para que os objetos se mostrem, se revelem. Portanto, o homem que tem estrutura psíquica adequada, que consegue lidar com as suas pulsões e desejos de forma evoluída e, assim, ter percepção transcendental das suas possibilidades e impossibilidades, vai, certamente, estar mais bem posicionado, sendo capaz de enxergar a individualidade característica de cada ser humano.

O ser humano hoje pode viver melhor e ter mais qualidade de vida à medida que entrar em contato com o seu mundo psíquico e puder constatar, inclusive, suas impossibilidades. Se não se pode cair no pragmatismo e no discurso fisiologista, de que existe apenas o caminho do psiquismo desenvolvido para o crescimento e desenvolvimento individual do ser humano, não se pode olvidar que sempre se estará preso à natureza primitiva, que prevalecerá, ao longo do tempo e da história humana enquanto existir uma estrutura egóica frágil, pouco desenvolvida e, muitas vezes,

até mesmo patológica. O que se vê hoje na sociedade brasileira é uma condição ambivalente, até mesmo naqueles que, em uma atitude salutar buscam refletir sobre a moral, a ética e a bioética, pois tal empenho não está respaldado em firme propósito de trabalhar esses valores no cotidiano ou de se mostrarem como pessoas. É isto é perigoso não apenas por ser uma atitude diletante, mas, principalmente, porque dissocia o discurso e a prática e abre espaço para que as moralidades e os valores sejam apenas mais um *mito* que, atendendo a uma projeção egóica, podem ser tomados ou descartados ao bel prazer.

De todo o exposto tem-se, assim, que há uma complexidade de elementos naturais, relativos à pessoa (herança biológica, maturação e desenvolvimento psíquico, influência ambiental) sobre os quais cada um de nós se apoia (como também está imerso), que constituem as bases para a transformação moral e ética. Cada um de nós está em constante desenvolvimento e, por isso, é preciso que nos paulemos na consciência da nossa humanidade e na necessidade de avaliar nossos limites, já que todos os temos para agir.

Existe uma realidade cultural, um *a priori* da natureza (o objeto enquanto não descoberto) e da evolução histórica do homem, que é o solo de onde retiramos os elementos e construimos os nossos prédios. Os prédios e as estradas já existem em potencial e é nosso trabalho descobri-los ou reconstruí-los a partir do nosso empenho. A bioética entra neste contexto como ferramenta para execução dessa obra, como base, antes de tudo metodo-

lógica, para que o homem possa ponderar, trabalhar e transmutar, da melhor forma, a natureza e a si mesmo.

Para concluir

Encerramos esta breve reflexão com as palavras de Freud: *O superego cultural desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências. Entre elas, aquelas que tratam das relações dos seres humanos uns com os outros estão abrangidas sob o título de ética. As pessoas, em todos os tempos, deram o maior valor à ética, como se esperassem que ela, de modo específico, produzisse resultados especialmente importantes. De fato, ela trata de um assunto que pode ser facilmente identificado como sendo o ponto mais doloroso de toda a civilização. A ética deve, portanto, ser considerada como uma tentativa terapêutica – como um esforço por alcançar, através de uma ordem do superego, algo até agora não conseguido por meio de quaisquer outras atividades culturais. Como já sabemos, o problema que temos pela frente é saber como se livrar do maior estorvo à civilização – isto é, a inclinação, constitutiva dos seres humanos, para a agressividade mútua; por isso mesmo, estamos particularmente interessados naquela que é provavelmente a mais recente das ordens culturais do superego, o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo*¹⁶.

Acreditamos que, em uma realidade ontológica¹⁷, cada um de nós nasce com um complexo biológico e psíquico primitivo, que está fundamentado ao aspecto subjetivo e, sobretudo, individual humano. Denominamos este complexo desenvolvido de *emoções*. A partir do momento em que tomamos consciência de

nós e do mundo a nossa volta é que as emoções passam a fazer sentido de fato: tornamos seres afetivos a partir do contato, da visão e da convivência com as pessoas e o mundo. E todos, indistintamente, passam por processo similar; momentos na vida que, sem dúvida, são aqueles que antecedem e direcionam as opções pessoais e profissionais de cada um¹⁸. Destacamos este aspecto porque como médicos e profissionais de saúde e cuidado, compartilhamos o nosso psiquismo e afeto para ajudar as pessoas.

A saúde mental e a prática psiquiátrica trazem no seu cerne a reflexão sobre as dificuldades humanas. É certamente a área do conhecimento na qual estamos mais próxi-

mos da realidade existencial das pessoas porque nada mais humano do que sentir e sofrer, sensações e emoções que nos tornam conscientes das dificuldades. Sabemos que não se pode negar todas as dores e viver em eterno prazer, sempre. Porém, da mesma maneira, não se pode admitir que o desenvolvimento bioético do ser humano não compreenda um trabalho interno, uma objetivização do *a priori* individual que todos têm em si mesmos. A saúde mental e a psiquiatria entram então como elementos fundamentais para isto. Não se pretende fazer apologia da psiquiatria nem se quer “psiquiatrizar” a vida, mas somente alertar para o fato de que só é possível ser ético com os outros e com a natureza quando se é ético consigo mesmo.

Resumen

Salud mental como condición básica de la estructuración ética del ser humano

Las relaciones entre el hombre y el mundo provocan transformaciones psíquicas constantes que se suman a los varios determinantes psíquicos y morales innatos, trayendo al ya complicado universo de las relaciones humanas elementos para la reflexión perenne. Desarrollándose a partir del vacío moral, con un potencial virtual psico-ético, los seres humanos pasan por múltiples transformaciones e influencias, además de los elementos inconscientes, alzándose a la condición de sujetos éticos, capaces de vivir en sociedad. Descubrir el propio interior y quién se es interiormente ciertamente ayudará a descubrir también el *a priori* cultural en el cuál se está inserido así como delinear las características de este universo social. La interacción del mundo psíquico interno con el mundo externo, sea en las dimensiones individual o social, puede darle las condiciones al ser humano para su estructuración y formación continuas como ser bioético.

Palabras-clave: Bioética. Psiquiatría. Salud mental. Desarrollo moral. Cultura. Culturalismo.

Abstract

Mental health as a basic component of human ethical framework

The relationship between man and the world causes continuous psychological changes that are allied with many innate mental and moral determinants, to bring perennial elements of reflection for the yet complicated human relationship universe. Developing itself from a moral vacuum, with a virtual psycho-ethical potential, the human beings pass through several transformations and influences, many unconscious, to reach the condition of ethical people, who can live in society. To discover one's own inner self and who one really is there inside is certainly helpfully to the discovery, too, of the cultural *a priori* in which one is inserted as well as to the delineation of the social characteristics of this universe. The interaction between the inner psychic world and the external world, in individual and social dimensions, could bring to the human being the means for its structuring and continuous formation as a bioethical being.

Key words: Bioethics. Psychiatry. Mental health. Moral development. Culture. Culturalism.

Referências

1. Zimerman D. Fundamentos psicanalíticos. Porto Alegre: Artmed; 1999. p.77-87.
2. Zimerman D. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artmed; 2000. p. 21-5.
3. Segre M, Cohen C. Bioética. 2ª ed. ampl. São Paulo: Edusp; 1999. p.13 e 51.
4. Ferraz F. A Eternidade da maçã. São Paulo: Escuta Editora; 1994. p.39-53.
5. Freitag B. Os itinerários de antígona. 3ª ed. São Paulo: Papirus; 2002. p.14.
6. Darwin C. The descent of man and selection in relation to sex. New York: Random House; 1871.
7. Jaspers K. Psicopatologia geral. 8ª ed. São Paulo: Atheneu; 2006. p. 904.
8. Bataglia P. Estudo sobre o juízo moral e a questão ética na prática da psicologia [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia; 1996. p. 10-56.
9. Skinner BF. Operational analysis of psychological terms. Psychological Review 1945;52:270-81.
10. Piaget J. O juízo moral na criança. 2ª ed. São Paulo: Summus; 1994. p.23-91.
11. Kohlberg L. The philosophy of moral development: moral stages and the idea of justice. São Francisco: Harper&Row, 1987. (Essays on moral development; vol 1).
12. Buzneck JA. Julgamento moral de adolescentes delinquentes e não-delinquentes em relação à ausência paterna [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia; 1979. p.3-15.

13. Segre M, Silva FL, Schramm FR. O contexto histórico, semântico e filosófico do princípio da autonomia [Online]. [Acessado em 01 Out 2002] Revista Bioética 1998;6(1). Disponível em: URL: <http://www.portalmedico.org.br/revista/ind1v6.htm>.
14. Freud S. A interpretação dos sonhos. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud [CDROM]. Rio de Janeiro: Imago; 1998.
15. Reale M. Cinco temas do culturalismo. São Paulo: Saraiva; 2000.
16. Freud S. O mal estar na civilização. In: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud [CDROM]. Rio de Janeiro: Imago; 1998.
17. Hume D. A treatise of human nature. Norton DF, Norton MJ, editors. Oxford: Oxford University Press; 2000.
18. Bion WR. Experiências em grupos. Rio de Janeiro: Imago; 1970.

Recebido: 24.9.2008 Aprovado: 2.12.2008 Aprovação final: 16.12.2008

Contatos

Marcos Liboni - mlliboni@hotmail.com

Leonardo Prota – leoprota@uol.com.br

Marcos Liboni - Rua Belo Horizonte, 1126. Apto 1203. Centro, CEP 86020-060. Londrina/PR, Brasil.